

---

## ATIVISMO DIGITAL E EMPODERAMENTO: uma análise do Canal das Bee nos debates sobre pautas LGBTQ+<sup>1</sup>

Adrian Busch<sup>2</sup>  
Domingos de Almeida<sup>3</sup>  
Universidade Federal Fluminense

### Resumo

Este artigo versa sobre empoderamento LGBTQ+, conceituando esse termo ultimamente tão utilizado e esvaziado de seu sentido original. Com a pesquisa, pretendemos discutir acerca das possibilidades de agrupamento e empoderamento que surgem em uma sociedade inserida na cultura digital, a partir de análise das características apresentadas pelo Canal das Bee no *YouTube*. Como metodologia, utilizamos Pesquisa Bibliográfica, Documental e a Análise de Conteúdo. A perspectiva teórica é baseada em Sodré (2012); Heller (1970); Barquero (2012); Freire (2001), entre outros. Como conclusão destacamos que o Canal das Bee tem grande contribuição para o empoderamento LGBTQ+ através da representatividade, ativismo digital e propagação de informações e conteúdos.

**Palavras-chave:** Comunicação Digital; Ativismo Digital; Empoderamento LGBTQ+; Canal das Bee; *YouTube*.

### Introdução

A internet é uma dessas tecnologias que mudaram a comunicação social e, por conseguinte, tem afetado e modificado os modos de agrupamento, trocas e o cotidiano das pessoas. Tal qual a sociedade oral e letrada diferem, a internet também produz novas formas de viver e pensar na cultura digital. Nossa intenção com a explanação de conceitos que cercam a temática é que, a partir disso, possamos entender melhor as novas possibilidades da cultura digital e como elas podem ser usadas para favorecer, facilitar ou viabilizar o empoderamento de minorias.

Levando em conta que novos paradigmas surgem com os avanços tecnológicos, Sodré (2012) diz que o espaço público se ampliou com o paradigma informacional, caracterizado pela tecnologia eletrônica. Ora, se o espaço público é onde a troca entre os sujeitos constitui cotidianamente a realidade social, a extensão desse espaço e as diferentes características do mesmo provocam mudanças nessa troca e, conseqüentemente, nesse sujeito, que passa a ter novas possibilidades e menores limitações de tempo e espaço para comunicar-se.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do grupo de pesquisa EMERGE (UFF). E-mail: adriancomunicacao@gmail.com

<sup>3</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do grupo de pesquisa EMERGE (UFF). E-mail: domingos.jzufma@gmail.com

---

Entendemos neste trabalho os meios de comunicação como potenciais formadores da realidade social (HELLER, 1970) e educadores a partir da divulgação de conhecimento e representações simbólicas. Partimos da ideia de que “(...) os educadores não podem dar poder às pessoas, mas podem torná-las capazes de aumentar suas habilidades e recursos para ganhar poder sobre suas vidas.” (BARQUERO, 2012, p.179). Nesse sentido, entendemos as mídias como uma potencial ferramenta para o empoderamento.

A internet tem grande potencial tecnológico de armazenamento e divulgação de conteúdos e informações. A possibilidade de socialização a partir de interesses e não do território geográfico chama a atenção para a movimentação da cultura digital, que conta com a melhor tecnologia de comunicação até então. Apesar de não ser ainda o ideal democrático por não chegar com tanta facilidade àqueles que não compartilham dos mesmos interesses, o conteúdo se espalha pelo grupo, o que é muito relevante já que não se trata de tentar convencer, mudar ou conscientizar o homofóbico e sim de empoderar o LGBTQ+.

Nesse aspecto, essa pesquisa tem como objetivo discutir acerca das possibilidades de agrupamento e empoderamento que surgem em uma sociedade inserida na cultura digital, a partir de análise das características apresentadas pelo Canal das Bee no *YouTube*. Discutiremos acerca do termo empoderamento, pontuando a importância da resistência da perspectiva social de seu significado e então analisar o conteúdo do canal como ativismo digital que contribui para o fortalecimento LGBTQ+. Para isso, adotamos como dispositivo a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Produzimos uma análise quali quantitativa a partir de uma mostra de 74 vídeos no período de junho a dezembro de 2016 que é o recorte de três meses antes e três meses depois do lançamento da primeira campanha de *crowdfunding* do canal.

### **Empoderamento LGBTQ+ na cultura digital**

Enxergamos potencial na internet para pluralizar as narrativas. Para aqueles que têm acesso, contribui para o empoderamento pessoal e coletivo através das trocas de experiências e espaço de visibilidade ao possibilitar que outras histórias, que fujam da heteronormativa sejam divulgadas. Principalmente, permite o encontro de semelhantes e as trocas de vivências e informações que auxiliam o empoderamento. Na obra do brasileiro Paulo Freire, empoderamento significa a capacidade do indivíduo de realizar as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer por si mesmo. “Empoderamento pode ser visto como a noção freiriana da conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física ou de qualquer outra natureza” (VALOURA, 2006 p. 3). A autora indica que o termo

---

em português foi criado por Paulo Freire, mas o próprio o reconhece que o vocábulo “foi criado por uma equipe de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, por volta de 1964” (FREIRE, 2001, p. 29).

O autor entende que empoderar está ligado a promover conscientização, a fim de que a pessoa ou grupo tenha instrumentos necessários para reivindicar direitos como cidadão e políticas públicas específicas. Assim, percebe que o poder de decisão vem a partir do conhecimento. Ou seja, empoderamento não como algo que é dado a alguém, mas sim como o processo em que pessoas e, conseqüentemente, comunidades se empoderam de si mesmas de diversas maneiras simbólicas, culturais, materiais e de cidadania, para então conquistar direitos civis.

No nível individual, empoderamento refere-se à habilidade das pessoas de ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais, para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas (BARQUERO, 2012, p. 176).

Paulo Freire alerta para a característica individualista do termo, e grifa a importância da liberdade social para que o empoderamento, mesmo sendo um processo individual, possa contribuir para o desenvolvimento do coletivo, para que esse poder seja de fato exercido.

Freire não nega a importância de se partir da noção de empoderamento, colocando-a como absolutamente necessária para o processo de transformação social. Ou seja, não basta ao oprimido saber-se oprimido. A conscientização exige um engajamento que deve inseri-lo em um processo de transformação da realidade (ROMANIN, 2014. p. 93).

Dito isso, podemos exemplificar: o conhecimento sobre a luta histórica do movimento LGBT, bem como conhecer histórias de homossexuais que gera identificação cria, individualmente, maior segurança para se afirmar e, posteriormente talvez, se impor socialmente. O empoderamento pessoal dessa pessoa através da conscientização por si só pode não gerar impacto social, mas a sensação de coletivo e a liberdade para organizar-se e passar esse conhecimento para que outras pessoas possam ser conscientizadas gera, em cadeia, um empoderamento coletivo. E é partir disso que pode haver de fato mudanças sociais.

Assim como a tomada de consciência não se dá nos homens isolados, mas enquanto travam entre si e o mundo relações de transformação, assim também somente aí pode a conscientização instaurar-se (FREIRE, 1983, p.52).

Para o autor, essa é a grande importância do empoderamento: seu potencial de criar cidadãos críticos que possam ser agentes de transformação social. A conscientização coletiva, ou exercício de fato do ‘poder’ é conquistada coletivamente.

Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se

---

libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade(...) (FREIRE; SHOR, 1986, p.71).

Ou seja, o empoderamento vem a partir do momento, por exemplo, que o homossexual reconhece as situações de injustiças sociais que passa e pode, através da troca com o outro, reconhecer-se dentro de um coletivo. A partir disso, como sujeito e como coletivo pode argumentar e lutar contra injustiças sociais, nesse caso, a homofobia.

Ou seja, a socialização de informações através do *YouTube* pode ser encarada como uma ferramenta de empoderamento dessa comunidade. Insistimos no uso desse termo, porque temos percebido o uso indiscriminado e esvaziamento de significados. Por isso, é importante delimitarmos quais sentidos da palavra estamos aplicando nesse artigo e nos reapropriarmos dele.

### **Ativismo Digital: informação e representatividade**

Os meios de comunicação são importantes ferramentas de ativismo ideológico. As representações midiáticas contribuem para manutenção ou quebra de paradigmas sociais e constroem, junto a outros fatores, a memória e o imaginário coletivo social. A partir da cultura digital, pode-se pensar na possibilidade de novas formas de comunicação, bem como novos agrupamentos, trocas e disseminação de informação na era digital. Para Sodré (2012), a tecnologia não é apenas equipamento, mas outro modo de relacionar-se com a cultura. É uma construção progressiva de uma “sociedade virtual”.

O bios virtual é, no limite, uma espécie de comunidade afetiva de caráter técnico e mercadológico, onde impulsos digitais e imagens se convertem em prática social. Seu real sentido é dado pela sua própria forma de codificação hegemônica que intervém culturalmente na vida social dentro de um novo mundo sensível criado pela reprodução imaterial das coisas, pelo divórcio entre forma e matéria. (...) A cultura passa a definir-se mais por signos de envolvimento sensorial do que por apelo ao racionalismo da representação tradicional que privilegia a linearidade escrita. (SODRÉ, 2012 p. 189)

E, assim como todos os espaços sociais, o espaço digital está em constante disputa e articulações políticas. Dessa maneira, também é um lugar de ativismo político, social e representativo. O ativismo começou a aparecer no ambiente digital a partir dos anos 2000 com os blogs de conteúdo alternativo e se consolidou quando coletivos formados por sites de redes sociais começaram a se articular online para a realização de eventos e mobilizações em lugares públicos. É o que explica Malini (2013), ao afirmar que “a Internet – criada originalmente como uma máquina de combate – era um dispositivo de monitoramento e controle. Mas foi tomada de

---

assalto por micropolíticas estranhas, fazendo da rede um meio de vida e uma máquina de cooperação social” (MALINI, 2013 p. 17).

Os autores dedicados a estudarem essa área afirmam que o ativismo das comunidades digitais criou o ciberespaço. A internet não foi uma ferramenta construída para a sociabilidade, mas começou a ser utilizada pela cultura *hacker* (SILVEIRA, 2010) e se desenvolveu para o caráter social que conhecemos, passando a ser entendida como uma alternativa de comunicação não hegemônica. É a partir desse histórico alternativo do espaço online que construímos nossa análise do Canal das Bee como uma produção ativista. O entendemos assim porque os produtores desafiam o modelo hegemônico heteronormativo em prol de uma causa – a luta LGBTQ+.

É notória a potência comunicacional que as plataformas digitais, como o *YouTube*, viabiliza e pretendemos contribuir para pensar os desdobramentos e ferramentas que ele traz para o agrupamento e empoderamento de minorias representativas. Entendemos que o fator “cotidianidade” é importante para a manutenção de paradigmas e, por isso, trouxemos a discussão de cotidiano, com Agnes Heller, para esse trabalho. Para pensar os dispositivos midiáticos de comunicação digital como elementos da cotidianidade e a partir disso discutir sobre esse público que tem a internet como ferramenta que também constrói sua realidade.

Nesse contexto, percebe-se a internet como ferramenta capaz de viabilizar outras sociabilidades e, assim, uma cotidianidade digital com potencial de empoderamento para quebrar paradigmas. Com isso, queremos dizer que aumenta o alcance de histórias que fogem a heteronormatividade, por exemplo, trazendo pra mais perto cotidianidades e narrativas que talvez nunca fossem transmitidas sem a mediação da internet. Também a possibilidade de criação de grupos por interesses, sem limitação geográfica é uma característica potente que enriquece as trocas sociais e fortalecem os meios de empoderamento.

No caso de minorias, essa sociedade com menos limites geográficos e que permite trocas de vivências contribui para que grupos se formem por afinidades a debates em torno de pautas de luta em comum como negros, mulheres, LGBTQs. Quando essas minorias começam a falar sobre seus desafios cotidianos há identificação de muitos outros. É dessa maneira que o “Canal das Bee” contribui para o empoderamento. O conteúdo produzido por e para LGBTQs questiona vivências comuns ao público específico e instiga a discussão sobre os preconceitos vividos. Além disso, a disseminação de informação política e militante aproxima o público de pautas que não são corriqueiras fora dos coletivos LGBTQs, mas que são de extrema importância para todo esse público.

---

Dentro de um país com uma mídia tradicional homogênea e heteronormativa, o *YouTube* possibilitou a propagação de informações importantes para a comunidade LGBTQ+, formando uma rede de pessoas com as mesmas dificuldades sociais que não apenas absorvem o conteúdo do canal, como também se conectam entre si a partir do interesse na temática. Esse é o ponto de interesse desse trabalho: a internet ajuda a agrupar os iguais, especialmente as minorias. Assim, contribui para o empoderamento individual através da troca coletiva, mas não é fato dizer que essa ferramenta contribui para o contato com a diversidade de forma expressiva.

O “Canal das Bee” atinge a um público específico que consegue se encontrar e identificar através dos próprios comentários do *YouTube* e também nas redes sociais (facebook, twitter e instagram) do canal. A marca do canal torna-se um ponto de referência para que essa troca aconteça em outras redes sociais. Além disso, o canal em seu papel de mídia pauta as discussões do público conseguindo trazer ao foco, debates e informações importantes para a comunidade LGBTQ+.

Esse espaço de mídia online poderia ser um grande passo para a produção, enfim, de uma mídia democrática. Porém, apesar de ser um espaço muito diverso, é mais provável esbarrar com o diferente na rua que você cresceu, do que ser obrigado a lidar com a diversidade no espaço online. A probabilidade de receber conteúdos que não condizem com a sua opinião é drasticamente reduzida pela “bolha de filtro” (PARISIER, 2012). Isso quer dizer que o conteúdo aparece (ou não aparece) com ordem de prioridade diferente para cada um de acordo com seus interesses pessoais. O esforço do mercado de transformar o espaço digital em um ambiente agradável e traçar o perfil do usuário para melhor oferecer conteúdos e assim vender mais, o transforma em um lugar bem mais personalizado para cada indivíduo.

Apesar dessa mediação de conteúdo controlada por algoritmos e atendendo interesses mercadológicos, a internet, em especial os sites de redes e mídias sociais, tem característica única e extremamente interessante. O espaço online, mesmo que dificulte o contato involuntário com a diversidade através de métricas mercadológicas, possibilita a identificação e fortalecimento de minorias através de seu agrupamento por semelhanças.

As pessoas acabam sendo divididas por interesses e compatibilidades, e interagindo com opiniões e vivências semelhantes, o que não contribui para que a representação LGBTQ+, por exemplo, chegue ao homofóbico facilmente. Porém, ainda assim, a mídia na cultura digital é mais rica e diversa, e os usuários encontram conteúdos com temáticas importantes para eles com mais facilidade. O canal das Bee se propôs a ser um espaço que representa a comunidade LGBTQ+ visto a ausência de conteúdo assim na mídia tradicional.

---

Parece contraditório, mas a pluralidade de informações circulando na rede, apesar de estar acessível a todos, não garante a diversidade e democracia das mídias sociais. Tratando-se de diversidade, os sites de redes e mídias sociais hoje não são espaços onde há tanta pluralidade e divergência quanto à imensidão de informações que ela suporta. Mas têm um papel importante para o agrupamento e empoderamento de minorias, que, a partir da disponibilidade de informações e maior facilidade de agrupamento por interesses, alcançam entendimento maior a respeito de suas identidades e conseguem se fortalecer dentro da sociedade.

Depois de enxergar as potencialidades e limitações da internet, podemos dizer que é um lugar que viabiliza o debate e a divulgação de temáticas marginalizadas pela mídia tradicional, projetando discursos que fortalecem as minorias. Vê-se aí um campo fértil para um ativismo digital. Vegh (2003) chama de ciberativismo a utilização da internet para organização e divulgação de movimentos politicamente motivados. Ou seja, a organização de pessoas com intuito de lutar por direitos, contra injustiças e promover debates. As ações podem ser “apenas online”, como divulgar alguma informação, ou denunciar alguma injustiça, mas há sempre um impacto fora do espaço online. Isso porque, esse espaço é constituído por indivíduos que vivem em sociedade offline, e empoderamento pessoal, como vimos anteriormente, pode significar o começo para mudança social.

Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional. Indivíduos entusiasmados, conectados em rede, tendo superado o medo, transformaram-se num ator coletivo consciente. Assim, a mudança social resulta da ação comunicativa que envolve a conexão entre redes de redes neurais dos cérebros humanos estimulados por sinais de um ambiente comunicacional formado por redes de comunicação. A tecnologia e a morfologia dessas redes de comunicação dão forma ao processo de mobilização e, assim, de mudança social, ao mesmo tempo como processo e como resultado. (CASTELLS, 2012, p. 162)

Assim, a internet trouxe múltiplas possibilidades e ferramentas que podem auxiliar o ativismo e a proliferação de ideias de caráter marginalizado em outros tempos. A cultura digital tem funcionado como importante palco para comunicação alternativa que é aliado dos movimentos sociais na divulgação de conteúdos para minorias. Entendemos a divulgação, visibilidade e representação LGBTQ+ como ato político porque, as minorias se fortalecem através da sensação de coletivo, e o uso da internet para troca de vivências e informações contra homofobia encena um papel social importante à medida que faz com que muitas pessoas entendam que não estão sozinhas, nem erradas ou doentes (no caso de LGBTQ+) e que podem reivindicar direitos e primordialmente respeito. A identificação com semelhantes dentro de

---

comunidade pode ser libertadora, e esse espaço público expandido aumenta as chances dessa identificação acontecer.

Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal- baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes (WEBER 1987, p. 77).

Assim, faz muito sentido a descrição do canal no *YouTube* que diz: “Canal das Bee, porque uma abelha só não produz nenhum mel”. O canal é primeiramente gerador de conteúdo que difunde informações que pouco circulam na mídia de massa, funcionando como uma mídia alternativa, e tem a proposta de empoderar LGBTQs com informações, troca de experiências e discussões. Para isso, os apresentadores do canal falam sobre diversidade sexual, homofobia e diversos conteúdos que se afastam da heteronormatividade.

Todo esse conteúdo por si só já é um ato de ativismo digital. Compartilhar vivências, denunciar casos de violência, e trazer representatividade lésbica, bi, trans e outras são um meio de utilizar o espaço virtual de maneira militante. Mas, além disso, em diversos vídeos eles comentam sobre a enorme quantidade de pedidos de ajuda e agradecimentos que recebem por meio de comentários, e-mails e mensagens em sites de redes sociais, por isso, em 2017, o canal lançou a campanha “Bee Ajuda”<sup>4</sup>, um projeto de financiamento coletivo para realizar o acolhimento psicológico de jovens LGBTQs.

O processo foi feito online, desde a divulgação do projeto até a arrecadação financeira, foi realizado por um site onde as pessoas têm informações sobre o projeto e podem doar depois de alguns cliques. O projeto teve como objetivo principal contratar ajuda especializada de um psicólogo para atender o público do canal que passa por situações de preconceito e por muitas vezes de risco por conta da sexualidade ou gênero. Com isso, eles ofereceram com mais qualidade ajuda à comunidade LGBTQ+ online, contribuindo com a saúde mental e em alguns casos procurando auxílio de ONGs e grupos LGBTQ+ mais próximos da pessoa.

Além disso, partindo do princípio de que a representatividade midiática tem extrema importância para a naturalização, autoaceitação e empoderamento de grupos de minorias, além do conteúdo do canal, eles realizaram uma produção cinematográfica com intuito de dar mais visibilidade e representatividade.

É notório o fortalecimento dessa plataforma na nossa sociedade, o que evidencia a necessidade de discutirmos e pensarmos sobre a sua potencialidade como ferramenta para realização de mudanças sociais através do empoderamento e agrupamento de minorias.

---

<sup>4</sup> <<https://benfeitoria.com/canaldasbee>>. Acesso em: 30 jun. 2019.



## **Canal das Bee: possibilidades no *YouTube*.**

Apesar de terem sido um dos pioneiros no *YouTube* com a temática, o canal não é mais o único, nem o com mais inscritos ou visualizações. Desde 2012, quando foi ao ar o primeiro vídeo, diversos outros canais voltados para o público LGBTQ+ apareceram. Dentre eles, escolhemos o “Canal das Bee” porque ele produz muito conteúdo com mote político e militante. Muito do seu conteúdo é tomado por discussões como feminismo, direitos e debates sócio-políticos, se destacando assim de outros canais LGBTQ+ que priorizam o entretenimento e têm poucas pautas de militância.

Acreditamos que o Canal das Bee é importante veículo de informações “privilegiadas” que empoderam comunidades e grupos LGBTQ+. Privilegiadas porque são informações que fomentam discussões que há alguns anos estavam apenas nos debates de coletivos políticos ou em seminários das universidades e hoje estão à distância do clique. Discussões que permeiam coletivos de militância, como empoderamento feminino, transfobia, lugar de fala, e outros temas que rondam os coletivos LGBTQ+ fora do digital são frequentemente abordadas pelo canal.

Outra característica importante para essa escolha é a grande representatividade lésbica, já que, mesmo dentro do movimento LGBTQ+ ainda há uma predominância de pautas masculinas sustentadas pelo machismo de nossa sociedade. Por isso, entendemos que o protagonismo feminino é essencial para que se avancem determinadas pautas. Além disso, é notória a preocupação dos produtores em diversificar as falas e legitimar os discursos trazendo convidados e se preocupando com “lugar de fala”(RIBEIRO, 2017) para discutir as temáticas.

Com partida em uma observação empírica do canal, percebemos o grande engajamento político das produções que fomentam debates da militância LGBTQ+, e os seguidores do canal podem ou não transformarem esses debates em ações, mas são transformados como indivíduos a partir do acesso àquelas informações, como vimos sobre empoderamento anteriormente.

A idealizadora do Canal, Jéssica Tauane, entendendo a importância da diversidade para melhor contemplar as demandas LGBTQ+ dentro do canal, optou por uma produção colaborativa. Publicou em grupos LGBTQs do Facebook a proposta de produzir conteúdo audiovisual com a temática para o *YouTube* e convidou interessados para reuniões para construir coletivamente o “Canal das Bee”.

Cada detalhe foi discutido em grupo para que o resultado final não fosse unilateral. Além disso, a escolha de se trabalhar com o conceito de canal (ou seja, abrir a possibilidade para mais de uma produção audiovisual e manter um conceito e identidade padrão) em vez de um documentário ou curta-metragem, também nos remete ao grande campo de estudo que é o

---

preconceito à comunidade LGBT. O preconceito sofrido por lésbicas é diferente do preconceito sofrido por gays, por bissexuais e, principalmente, por transexuais. Esses quatro grupos que compõem a sigla “LGBT” não conseguiriam ser dignamente representados e discutidos senão em peças audiovisuais diferentes (SOUZA, 2012. p.28).

Percebe-se no processo de criação do canal, narrado por Jéssica, uma importância muito grande de membros de coletivos LGBTQ+. Outra característica importante que o destaca nesse sentido da coletividade é que grande parte dos vídeos são feitos com convidados, principalmente preocupando-se com a questão do lugar de fala. Apesar de seus produtores terem uma mostra de diversidade sendo composta por mulheres lésbicas ou bissexuais e homens gays, nenhum dos integrantes é negro, ou trans, ou diversas outras intercessões dentro dessa minoria e por isso é notória a preocupação de trazer essas pessoas com lugar de fala para conversar e compartilhar suas vivências.

O ativismo do Canal começa pelo seu conteúdo. Como vimos, a divulgação de informações e a representatividade são importantes ferramentas de empoderamento e a utilização da plataforma para a propagação de ideias tem sido bem aderida pelos usuários que cada dia aumenta. E é dentro desse ambiente favorável que há seis anos o canal vem produzindo vídeos e pondo em pauta informações e discussões muito relevantes para o movimento LGBTQ+.“O que está em jogo aqui é poder mesmo. Quanto mais pessoas com acesso à informação, sabendo os seus direitos, mais a gente vai protestar, e mais a gente vai conseguir” (vídeo Jessica Tauane “é pra ter medo”?)<sup>5</sup>.Nessa disputa por poder, a informação é ferramenta indispensável e muita das vezes, além de conteúdos e discussões, os vídeos têm objetivo de informar a existência e resistência de alguns recortes dentro da comunidade LGBTQ+ que são invisibilizados.

Temáticas assim, tão segmentadas, fazem com que as pessoas que assistem se agrupem por semelhanças. Essa foi uma das características que mais chamou nossa atenção: o agrupamento através do conteúdo segmentado. Com esse agrupamento, o canal se torna referência de troca e encontro para a comunidade LGBTQ+. Assim, já no início da produção em 2012, a idealizadora do canal pôde perceber a responsabilidade e a demanda não só por conteúdo, mas por troca e ajuda a membros da comunidade:

O mais gratificante de todo o extenso trabalho é, certamente, abrir a caixa de entrada do e-mail do Canal e poder responder a pessoas que estão passando por momentos difíceis em suas vidas por causa de sua orientação sexual. A possibilidade de ajudar alguém era o que mais me instigava a levar o Canal das Bee a frente, e agora que, efetivamente, já demos um pouco de conforto e uma palavra amiga a dezenas dessas pessoas, não vamos parar por aqui. (SOUZA, 2012, p. 78).

---

<sup>5</sup> <<https://www.youtube.com/watch?v=KgmqKZuovZI>> Acesso em: 30 jun. 2019.

---

Após quatro anos do seu lançamento, em 2016, o canal lançou sua primeira campanha de *crowdfunding*. A palavra inglesa “*crowd*” significa “multidão”; e “*funding*”, “financiamento”. Esse tipo de campanha tem se popularizado no Brasil e foi através dessa ferramenta que o canal arrecadou dinheiro necessário para contratar um psicólogo que fica a partir de então responsável por responder esses e-mails pedindo ajuda, encarregado de dar um primeiro suporte psicológico àquela pessoa e encaminhá-la da melhor maneira possível. Para essa arrecadação, eles fizeram cadastro no site “Benfeitoria” que faz esse tipo de arrecadação online:

Toda campanha foi realizada totalmente online, e o processo pelo qual o Canal se responsabiliza a partir de então também: receber a demanda por e-mail, como já acontecia desde o início, e a partir da campanha um psicólogo fez esse primeiro contato para auxiliar as pessoas. O projeto também contou com uma lista online de colaboradores (advogados, assistentes sociais, psicólogos) que se dispuseram a receber casos que ao ver do psicólogo que faz o primeiro contato seja pertinente.

## **O conteúdo das Bee**

No *YouTube* encontramos todo tipo de conteúdo audiovisual. O Canal das Bee mescla Vlogs (blog em vídeo), entrevistas com conteúdo diverso, e lembrando que em sua descrição eles também se apresentam como “a favor do riso solto”, a linguagem jovem, descontraída e acessível é regra. Depois de um olhar empírico e bibliográfico, fizemos uma análise quali-quantitativa a partir de uma mostra de vídeos. Escolhemos o período de junho a dezembro de 2016 que é o recorte de três meses antes e três meses depois do lançamento da campanha “Bee Ajuda”.

Analisamos 74 vídeos a fim de exemplificar e ilustrar as características descritas aqui a partir de análise empírica e concluímos que 52% dos vídeos têm convidados externos ao canal; 65% são apresentados apenas por mulheres; 5% apenas por homens e 28% por ambos. Em 2% dos vídeos não há apresentador. Assim, o protagonismo feminino se confirmou, bem como a preocupação com pluralizar as vozes trazendo convidados para conversar e compartilhar a partir do seu lugar de fala.

Em 2018 eles lançavam vídeos novos todas as segundas e quintas-feiras, com conteúdos diversos, mas além da categorização que fizemos, há uma organização por quadros na página inicial do canal: Pergunte às Bee; Bee Fun; Bee Viaja; Notícias da Semana; e Bee Comenta. Além de vídeos diversos e dos quadros que já não são produzidos com frequência, por serem

---

sazonais ou coberturas de acontecimentos: Semana da Mulher 2018; #OrgulhoDeSer; e Encontro de Mulheres na Argentina.

Na série “#OrgulhoDeSer”, entrevistados que ocupam diferentes lugares dentro da comunidade sexo diversa e no aspecto de gênero foram convidados para contar suas histórias, responder perguntas e principalmente representar suas existências, dividir suas vivências e visibilizar suas causas e demandas específicas. A proposta dessa série de vídeos é quebrar os tabus mais comuns que rondam cada uma das sexualidades e identidades de gênero, trazendo convidados para falar de cada uma das siglas e outras especificidades das sexualidades e gêneros, como as pessoas não binárias.

Em todos os vídeos a linguagem é leve, jovem e quase sempre descontraída. Essa descontração só fica de lado quando trazem casos de violência ou algo mais sério para serem divulgados e discutidos no Canal. Como por exemplo, na série “Bee Comenta”: Essa *playlist* de vídeos exemplifica o caráter mais político e militante do Canal. Casos de violência praticamente abafados na mídia tradicional como a morte de Katiane, mulher lésbica, morta por homofobia, tem espaço e destaque no canal em uma tentativa de não deixar o fato “morrer” e instigar que seja pauta entre os inscritos do canal.

O levante de assuntos políticos também mostra a intenção do canal de não ficar alheio a assuntos que não necessariamente estão diretamente ligados à pauta LGBTQ+. Outros assuntos “polêmicos” politicamente também já foram trazidos pelo canal como “escola sem partido” e desmilitarização da polícia. Assuntos que poderiam afastar um público politicamente contrário, mesmo que tivessem interesse na pauta LGBTQ+, mas que os produtores, ainda assim, trazem para o canal.

O quadro “Pergunte às Bee” é feito com perguntas sobre temas como gêneros não binários, feminismo, preconceito racial, bissexualidade e os mais diversos temas em que pessoas com lugar de fala dentro da temática são convidadas para responder perguntas e falar de suas vivências pessoais, esclarecendo e humanizando o tema para quem assiste. Apesar do nome, o quadro não é algo monótono de perguntas e respostas. A apresentadora normalmente levanta algumas questões e o convidado desenrola a partir de suas vivências uma conversa descontraída com linguagem simples.

Bee Fun e Bee Viaja são quase autoexplicativos. O primeiro traz vídeos mais descontraídos e sem muita militância tradicional. O quadro é composto por desafios entre os integrantes da equipe. Os roteiros aqui normalmente têm característica humorística e de entretenimento. E o segundo, normalmente em formato de *vlog*, são registros de viagens dos

---

integrantes da equipe, e tem conteúdo diverso, desde cobertura de eventos até viagens pessoais. O que hegemoniza o quadro é basicamente a “troca de cenário” através de viagens.

O quadro “Notícias da Semana” contribui com intuito de disseminar informação e somar em diversas discussões, ele é normalmente protagonizado por Jéssica e Fernanda, que discutem as principais notícias, ou as que mais chamaram atenção da internet naquele momento e que perpassam os principais assuntos do canal. É feita uma “releitura” das notícias que são comentadas e discutidas no vídeo instigando os comentários online e também contribuindo para o melhor entendimento dos acontecimentos através da instigação ao debate.

Pretendemos com essa explanação, exemplificar os diversos conteúdos do Canal e assim dar uma mostra da contribuição com informações e representatividade para comunidade LGBTQ+. O formato “de frente para câmera” e o compartilhamento de histórias pessoais dos membros do canal trazem uma sensação de proximidade muito grande para quem assiste. Observando os comentários daqueles que acompanham o canal, podemos comparar o relacionamento entre “emissor e receptor” com a experiência de conhecer novas pessoas e aprender com suas histórias.

Pensando nesse novo formato de fazer comunicação em grande escala, vemos no canal um veículo que transforma informações privilegiadas em informações acessíveis. Essa é a questão que gostaríamos de chamar a atenção: Ele é potente veículo para propagação de discursos militantes que há alguns anos ficavam restritas às universidades e coletivos e contribuiu para o empoderamento através do conhecimento (de informações e de histórias de pessoas) e assim facilita a articulação e formação de identidades de grupos.

Pós análise, acreditamos que a representatividade LGBTQ+ que o canal traz para o *YouTube* tem grande valor para o empoderamento desse grupo de pessoas. Conhecer histórias reais, além dos casos de homofobia e violência que estamos acostumados a ver nos meios de comunicação tradicionais é muito importante para fortalecer o grupo e o combate à homofobia. Nesse sentido, o Canal contribui de forma positiva diversificando os discursos, as vozes, e propagando informações e vivências que possam causar identificação positiva das pessoas com outras histórias. E quem sabe assim, transformar a culpa e medo de alguns LGBTQ+ em luta.

O Canal das Bee torna público e acessível debates de militância e ativismo e com isso viabiliza o contato de milhões de pessoas com essas temáticas. É a partir de vídeos descontraídos e que causam identificação da comunidade LGBTQ+ que ele torna-se referência para a mesma. Além disso, é de extrema importância a troca de informações e vivências que ele viabiliza.

---

Não podemos medir o nível de contribuição do *YouTube*, por exemplo, para o empoderamento de minorias, mas o nosso objetivo não é esse. Queremos com o nosso trabalho levantar a discussão e colocar em foco essa possibilidade ampliada no ambiente digital. Podemos afirmar a importância da representação midiática para o empoderamento de minorias. Com o Bee Ajuda percebemos que a relação que os produtores de conteúdo tem com o seu público. A cultura digital possibilita interação e dinamismo, que ajudam no crescimento de uma comunicação mais dialógica e participativa. A utilização desse espaço para arrecadar fundos com intenção de ajudar uma minoria é exemplo de como o ativismo digital pode ser fundamental ferramenta para a luta LGBTQ+.

### **Considerações finais**

O que gostaríamos de destacar ao final deste trabalho é que devemos olhar para a internet como um ambiente que possibilita produção de conteúdo e viabiliza o ativismo digital. O *YouTube* pode ser usado como uma ferramenta potente para o ativismo de diversas causas. E olhar para isso, é fomentar a utilização dessa ferramenta para fins como esse.

Pensamos que o Canal tem grande contribuição para o empoderamento LGBTQ+ através da representatividade, ativismo e propagação de informações e conteúdos. E assim como “as Bee”, outros canais surgem com potencial de empoderamento nesse espaço de comunicação potencialmente mais dialógico, onde o alcance não depende exclusivamente de dinheiro ou grandes empresas de comunicação. Acreditamos que o sucesso do canal se deve à identificação do público-alvo com os conteúdos e a partir disso ele se torna referência para a comunidade LGBTQ+, fomentando discussões e agrupamentos que empoderam enquanto coletivo e individualmente.

Percebemos ser muito importante não deixar que o termo “empoderamento” seja esvaziado e apropriado por narrativas capitalistas. Assim, pensando empoderamento a partir dos conceitos que trouxemos, podemos dizer que pautas e informações que estavam trancadas nas universidades e coletivos regionais de militância circulam pelo conteúdo do Canal e possibilita o acesso há muito mais pessoas. É claro que devemos pontuar sobre as limitações e reproduções de privilégios também na cultura digital, mas entendemos que é um campo potente que deve ser estudado e pensado para contribuir com o desenvolvimento.

Nesse mesmo sentido, entendemos que o canal constrói sua força no ambiente digital por conseguir aproximar as temáticas debatidas do público LGBTQ+, catalisando a sociedade no

---

para potencializar e difundir as discussões contribuindo para a construção da identidade desse, que podemos chamar, espaço de ativismo, luta e representatividade.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARQUERO, RVA. **Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual**. Revista Debates. 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FREIRE, P. **Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, SP: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido** (16ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_; SHOR, Ira. **Medo e ousadia – o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento: Justificando, 2017

ROMANINI, M. **Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico**. Psicologia e Saber Social, 2014.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, v. 86, 2010, p. 28-39.

SODRÉ, M. **Reinventando a educação. Diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, Jessica Tauane De. **Canal das Bee: o YouTube como plataforma para ativismo LGBT**. Jessica Tauane de Souza. Pontifícia Universidade Católica São Paulo. Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. Curso de Comunicação e Mídias. São Paulo, 2012.

VALOURA, Leila de C. Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador. Disponível em: <<http://siteantigo.paulofreire.org/Arquivos/ArquivosAcervo000120>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Editora Moraes, 1987

VEGH, S. **Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank**. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). *Cyberactivism: online activism in theory and practice*. London: Routledge, 2003.